



Tatiana Salem Levy

dois rios

LISBOA:

TINTA-DA-CHINA

MMXII

Para o meu pai

© 2012, Tatiana Salem Levy
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Dois Rios*
Autora: Tatiana Salem Levy
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

Este livro foi escrito com a ajuda da Petrobras.
Publicado pela primeira vez no Brasil, Record, 2011.

1.ª edição: Setembro de 2012

ISBN 978-989-671-130-6
Depósito Legal n.º 348269/12

Joana

Foi a Marie-Ange quem me salvou. Se é que isso existe, a salvação.

Antes do nosso encontro, eu estava presa a casa e a tudo o que ela encerra: a umidade, o mofo, as fotografias desbotadas, a loucura da minha mãe e o silêncio. Sobretudo o silêncio, e com ele o medo e o passado a impedir que eu descobrisse o mundo. Quando a Marie-Ange chegou, eu entendi que podia começar de novo, sob outro prisma, retomar o que era meu e tinha ficado lá atrás. Mas foi preciso que ela chegasse, vinda de fora, uma aparição.

Foi ela quem me tirou dessa casa repleta de histórias tristes, dor e culpa, onde vi minha mãe perambular dia e noite, tomando cuidado para não pisar no rejunte que une os tacos de madeira do piso, conferindo se o garfo e a faca estavam na distância exata do prato, trocando de sabonete a cada vez que lavava as mãos. Onde vi minha mãe escutar por horas a fio «Ne me quitte pas», a música que meu pai costumava cantar para ela e que depois da sua morte a fazia chorar. A minha mãe cultivava essas lágrimas, fugindo para um universo só dela — e que, no entanto, terminou por ser o fio condutor dos meus dias.

Quando meu pai morreu, eu tinha 12 anos. Estava em Dois Rios, na Ilha Grande, passando as férias de verão com o meu irmão gêmeo, Antonio. No final da década de 60, meu avô Rubens, policial, fora transferido do Espírito Santo para a Colônia Penal Cândido Mendes e, por isso, durante toda a nossa infância, de dezembro a fevereiro, eu e Antonio nos mudávamos para Dois Rios. Lembro-me com nitidez das olheiras escuras da minha mãe ao chegar com a notícia: meu pai havia falecido, vítima de enfarte.

E me lembro também da noite de sua morte: eu e Antonio na praia, nadando no mar negro, os corpos molhados na areia, indiferentes ao vento úmido e fresco; a felicidade, tão fácil, prometendo a eternidade que jamais se cumpriria.

O mundo que eu e meu irmão havíamos esboçado logo se mostrou frágil e vaporoso. O elo que nos unia se rompeu de forma tão abrupta que hoje chego a duvidar da minha memória. Se nos amássemos tanto, seria mesmo possível destruir o laço?

À medida que o tempo passava, a reconciliação parecia cada vez mais improvável. Aos 22 anos, Antonio foi fotografar pelo mundo e me deixou com a nossa mãe e a culpa, essa culpa que ele fez questão de que fosse minha, só minha. Meu irmão sempre soube que eu não partiria, não deixaria a mãe sozinha, porque a história que ele se contou foi diferente da que eu agora conto: para ele, eu sou a vilã, a nossa mãe não tem distúrbio algum, é apenas uma pessoa cuidadosa, uma mulher triste, porém organizada e meticulosa, uma viúva que soube

preservar a memória do marido e não deixou o mal se abater sobre a casa. A história dele foi, durante muito tempo, também a minha. Eu estava tão apegada à dor que ela se tornou um hábito. Aos 33 anos, a felicidade era para mim uma abstração. Eu nunca havia imaginado deixar o sofrimento à parte, e agora me dou conta de como era mais fácil viver agarrada a ele, uma justificativa.

Por isso foi estranho quando a Marie-Ange surgiu e me mostrou outro caminho, fazendo com que de uma hora para outra esse sentimento desconhecido encontrasse um espaço na minha vida. Então, senti a maior liberdade que eu jamais experimentara: a liberdade de empacotar a tristeza e repousá-la no armário. A liberdade de saber que não existe apenas o inferno, e que as histórias podem ser recontadas.

Há pessoas que chegam para nos destruir. Outras para nos salvar. Marie-Ange foi uma destas. Não fosse eu tê-la conhecido na praia, ainda estaria presa a casa e ao passado.

2

A praia foi, desde sempre, o meu refúgio. Nasci e cresci em Copacabana, e o mar acabou por se tornar a minha segunda morada. Ainda pequena, gostava de mergulhar e prender a respiração. Assim eu esquecia o mundo do lado de fora e imaginava que comigo aconteceria algum feitiço, eu seria levada pela mão quente de uma sereia para um universo colorido,

repleto de anêmonas e seres das profundezas, onde eu não precisaria mais respirar.

Nessa mesma areia, encontrei Marie-Ange por acaso, num dia que tinha tudo para ser apenas um dia qualquer. Depois de anos imaginando a mão que me salvaria, quando eu já não acreditava na sua existência, ela surgiu. Apaixonei-me no instante em que a vi, o cigarro que lentamente entrava e saía da boca, entortando sua expressão para um único lado.

O sol estourava no meu rosto, deixando imprecisos os contornos de Marie-Ange. Seus cabelos, abundantes como a juba de um leão, sobressaíam. Logo descobri que ela é da Córsega, mas mora em Paris desde a época da faculdade, quando deixou a família em Nonza, seu vilarejo natal.

Sua avó, Batistine, está velha, e com frequência dá sinais de que a morte se aproxima. Marie-Ange caminhava pelo aeroporto em busca do guichê do *check-in* quando recebeu um telefonema, avisando que daquela vez Batistine tinha os dias contados. Então hesitou: vir para o Brasil e deixar a avó moribunda na Córsega ou abrir mão das férias que tanto planejara e visitar a avó?

Depois de uns minutos de reflexão e angústia, assegurou:

— Vou viajar. Qualquer coisa me liga.

Mal deu tempo para a resposta, guardou o celular e se registrou no voo. A escolha não era evidente, mas se fez necessária, e foi por isso que a conheci. Tivesse decidido visitar a avó, sua mão não teria segurado a minha.

3

Eu tinha acabado de me estender na canga quando ela se aproximou e me pediu para tomar conta da sua bolsa enquanto dava um mergulho.

Se me perguntassem, eu saberia precisar o exato momento em que tudo se definiu, só não saberia especificar o que nela me despertou a transformação: o olhar de esquelha? A forma meio atabalhoada de andar? Os dentes querendo escapular da boca? A maneira como jogou a bolsa no chão? A voz doce e grave? A longa cicatriz unindo os seios ao pescoço?

Enquanto ela nadava, me perguntei qual o motor daquele efeito, sem adivinhá-lo. Não havia palavra que explicasse, nem tampouco interrompesse o acontecimento, como um fogo de artifício que acaba de ser lançado ao céu. Um único segundo, um único olhar, nenhuma razão, e a certeza de que ali, naquela manhã de praia, a minha vida mudaria de forma definitiva. De que ali, naquela manhã de praia, a minha vida se dividiria ao meio: antes e depois de Marie-Ange.

4

Quando ela surgiu foi como se Fred Astaire ganhasse sentido. Pensei nele dançando com a cadeira em *Meias de seda*, em Ninotchka sendo salva por Steve Canfield: o amor salvando a oficial russa da rispidez, das regras, da vida sem risco.

Pudesse, eu congelava tudo, Copacabana inteira, para ouvir Marie-Ange cantar, para vê-la dançar. Pudesse, eu, que não sei cantar nem dançar, cantaria e dançaria com ela. Sempre me pareceu que a vida deveria ser um musical: quando estivéssemos tristes, começaríamos a cantar, e a dor se esvairia. Quando estivéssemos felizes, começaríamos a cantar e seríamos ainda mais felizes. Uma suspensão, como se eu pudesse dizer: para tudo que agora vou dançar.

5

Marie-Ange tinha chegado na véspera do nosso encontro, estava hospedada num pequeno hotel em frente à minha casa, na rua Hilário de Gouveia. Da janela do meu apartamento, no sexto andar, observo com frequência os moradores temporários dos quartos do hotel, um prédio estreito e não muito alto, decadente, a pintura descascando, as marcas da marésia visíveis. Gosto de ter vizinhos variados, cores e tamanhos distintos, uma expressão de felicidade quase sempre estampada. Quando ela me disse que estava lá, não me assustei, os fatos apenas começaram a ganhar sentido.

— Não me diga qual é o seu quarto, quero descobrir sozinha.

Ela riu da brincadeira, e seu sorriso doce revelou a razão do meu estado inebriado. Senti a urgência chegar avassaladora, e tive de me controlar para não mergulhar em seus braços. Era cedo demais para

isso, o tempo que corria dentro de mim nada tinha a ver com o tempo das horas. Servi-me da inabilidade com o francês para justificar as palavras presas na garganta, as palavras repetidas, gagas, a falta de palavras.

No céu não havia sequer um rasgo de nuvem atrapalhando a luminosidade. O fim de inverno no Rio tem dias assim, nem frios nem quentes, uma luz suave, a praia vazia, o mar de um verde quase azul. Olhando para Marie-Ange, era como se nada mais existisse, eu esquecia a minha mãe e as suas obsessões, esquecia que não era feliz e a vida doía, essa mesma vida que agora afrouxava e me deixava respirar, e me levava para um lugar incógnito, num caminho que, entendi desde o início, seria a minha salvação.

6

À noite, minha mãe estava em casa, neste mesmo apartamento onde fui criada e onde antigamente moravam, além de nós, meu irmão e meu pai. O nome da minha mãe é Aparecida. Cida ou Cidinha, dependendo de quem a chama. Ela sai pouco e, quando isso acontece, não vai muito longe. Abre e fecha a porta inúmeras vezes, incerta de que esteja mesmo trancada. Repete, repete e repete o mesmo gesto, até ter uma garantia qualquer, e se porventura não a obtém, paralisa e chora. Então eu chego, abraço-a, sussurro umas palavras em seu ouvido, que mais valem pelo chiado do que pelo significado, e, aos poucos, o choro

vai amainando, os olhos vão secando, ela me olha em agradecimento e sorri. Eu sorrio de volta, e fingimos que nada aconteceu.

Naquela noite, a noite do dia em que conheci Marie-Ange, minha mãe estava ouvindo «Ne me quitte pas», sentada no chão ao lado do móvel, o dedo rijo apontando para o som, preparado para apertar o *repeat* assim que a música terminasse. Debrucei-me à janela, e meu olhar deslizou até o hotel, ignorando o que permanecia atrás de mim. Dos dezesseis apartamentos, apenas sete tinham a luz acesa. Sem pressa, busquei o que havia em cada um. Vi um casal e seus dois filhos brincando, um homem nu e solitário mexendo distraidamente no seu sexo enquanto fumava, um casal de velhos na cama, ele lendo, ela falando sozinha; vi três meninas bebendo e conversando aos gritos, um casal se beijando e outro brigando, e uma mulher obesa comendo chocolate e acariciando a enorme barriga. Só não a vi.

Fui à geladeira buscar uma cerveja, olhei para a minha mãe, para seu corpo envelhecido apesar da pouca idade, coberto por uma camiseta gasta e comprida, a costura desfeita. Não é comum eu olhá-la assim, com desprezo. Normalmente sinto pena. Mas naquele momento senti prazer na contradição dos nossos corpos, regoziquei-me com a vida que pulsava nas minhas coxas firmes, nos meus seios em pé, contrapondo-se à morbidez da imagem ao meu lado. Aparecida não chega a ser baixinha, mas parece que os anos curvaram seus ombros. Eu, ao seu lado, me torno uma mulher esbelta, as pernas longas e rijas,

o cabelo liso e comprido, cor de mel por conta do sol. Temos o mesmo olhar melancólico e os mesmos lábios grossos, mas meu nariz fino e comprido marca a nossa diferença. O nariz e a juventude.

De repente, senti-me vingada pelos anos perdidos entre os muros do apartamento: eu tinha um futuro à minha espera.

De volta ao parapeito, vi uma única luz nova, revelando um quarto bagunçado, roupas espalhadas, uma mala, um homem e duas mulheres, duas prostitutas que ele devia ter encontrado à porta do hotel, ou numa dessas boates que pululam no bairro. Essa imagem é das mais recorrentes, e me agrada admirá-la, nem eles nem elas costumam demonstrar pudor, não se preocupam com a claridade nem com a cortina aberta. Muitas vezes me refugio das lamúrias da minha mãe nos gritos histéricos das putas. Mas naquela noite só me apetecia uma única visão: Marie-Ange.

Os minutos passavam, e nenhum outro hóspede surgia. À medida que a cerveja chegava ao fim, meus pensamentos vagueavam mais longe. Foi de repente que me percebi olhando para um quarto escuro, um vulto sentado na poltrona. Encolhi os olhos na tentativa de enxergar melhor, mas foi só quando ela atravessou o limiar que separa o quarto da varanda, de calcinha e uma camiseta sem alça larga, que me dei conta: era ela.

Marie-Ange acendeu um cigarro, e a brasa me permitiu ver sua boca entortando para um único lado.

Por um segundo pensei em acenar, meu braço chegou a descolar do parapeito, mas ela logo virou o

Tatiana Salem Levy (Lisboa, 1979) é um dos nomes mais aclamados da literatura brasileira contemporânea. Nasceu durante a ditadura militar brasileira, quando a família estava exilada em Portugal. Regressaram ao Brasil nove meses mais tarde. Tatiana Salem Levy é escritora, tradutora e doutora em Letras pela PUC-Rio, tendo vivido em França e nos EUA.

Publicou o ensaio *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. O seu primeiro romance, *A chave de casa*, ganhou o Prémio São Paulo de Literatura 2008 na categoria de melhor livro de autor estreante e foi finalista dos prémios Jabuti e Zaffari & Bourbon de Literatura. Está publicado em Portugal, França, Espanha, Itália, Turquia e Roménia. Tatiana Salem Levy é também autora do livro infantil *Curupira Pirapora*, publicado em 2012 pela tinta-da-china, no Brasil e em Portugal.

Em 2011 publicou no Brasil o segundo romance, *Dois Rios*, finalista dos prémios PT e São Paulo de Literatura 2012, e já traduzido em Itália.

dois rios

foi composto em caracteres Hoefler Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas, sobre papel Coral Book de 80 gramas, em Setembro de 2012.